

Crise humanitária no Iraque: a relação das sanções com o êxodo de mão-de-obra

João Victor Coutinho de Carvalho¹

Andrew Patrick Traumann²

Resumo: Com a invasão do Kuwait pelo Iraque no início dos anos de 1990, a Resolução 661 foi imposta pelas Nações Unidas ao Iraque, com o intuito de pressionar o governo de Saddam Hussein a recuar na empreitada militar. Porém, os verdadeiros castigados foram os cidadãos iraquianos, que passaram a conviver com a escassez e com a extrema pobreza. Sem alternativas para ter uma vida confortável, uma massa de cidadãos iraquianos passou a deixar o país em busca de melhores condições de vida, deixando-o em uma situação ainda mais delicada devido à perda de profissionais qualificados que poderiam contribuir na reconstrução da nação. O artigo tem o objetivo de estabelecer uma relação entre as sanções e a evasão de cérebros no Iraque, mostrando qual o papel das sanções no aumento da migração e os efeitos da falta de profissionais para a sociedade iraquiana.

Palavras-chave: sanções, êxodo, evasão de cérebros, Guerra do Golfo

Abstract: With the invasion of Kuwait by Iraq in the beginning of the 90s, the Resolution 661 has been imposed by United Nations to Iraq, aiming to pressure the government of Saddam Hussein to recede in his military campaign. However, the real punished were the iraqi citizens, who happened to live with scarcity and extreme poverty. With no alternatives to have a comfortable life, a massive number of iraqi citizens started leaving the country seeking better conditions of life, leaving the country in an even worse situation due to the loss of qualified professionals who could contribute in the rebuilding of the nation. This article has the objective of establishing a relation between the sanctions and the brain drain in Iraq, showing the role of the sanctions in the rising migration and its effects in the lack of professionals for the iraqi society.

Key words: sanctions, exodus, brain drain, Gulf War

¹ Graduando em Relações Internacionais-Centro Universitário Curitiba-Curitiba/PR-joaovictor_ccarvalho@outlook.com

² Orientador professor doutor do curso de Relações Internacionais-Centro Universitário Curitiba-Curitiba/PR-andrewtraumann@hotmail.com

1. Contexto Histórico

Para que se possa entender a invasão ao Kuwait feita pelo Iraque, é necessário conhecer alguns fatores cruciais para que ela ocorresse, como a ascensão de Saddam Hussein e o efeito de suas aspirações na política externa do Iraque, assim como alguns fatos que antecederam a invasão, com destaque para a Guerra Irã- Iraque, um longo conflito que ocasionou sérios danos a ambos os países. Danos esses que possuem relação direta com a invasão e o início do segundo conflito do Golfo, que levou as Nações Unidas a imporem sanções contra o Iraque através da Resolução 661, contribuindo para uma grande crise humanitária e, conseqüentemente, um grande êxodo que diminuiu a quantidade de profissionais qualificados no país (AZEVEDO BRITO, 2016, p. 110-119).

2. Ascensão de Saddam Hussein

Saddam Hussein começa a sua trajetória política no partido Baath nos anos de 1950. Participa de um atentado contra o general Qasim, o presidente do Iraque, em 1959. O atentado falha e ele se muda para o Egito, só retornando ao Iraque em 1963, quando o partido Baath assume o poder por meio de um golpe em conjunto com os militares pan-arabistas. O líder do Partido Baath, Ahmed Hassan Al-Bakr , primo de Saddam, fica com o cargo de primeiro-ministro, enquanto Abd Al-Salam Arif fica com o cargo de presidente. Al-Bakr lhe confia a tarefa de organizar a Guarda Nacional, que passou a perseguir os adversários do governo, dentre eles os comunistas, que apoiavam Qasim antes do golpe. Por meio de manobras dos membros do Baath, Arif é retirado da presidência. Contudo, percebendo que seu poder ia sendo usurpado pelo Baath, os militares os retiram do governo e desmantelam a Guarda Nacional formada por Saddam Hussein. Nesse primeiro momento ele já havia demonstrado sua violência.

O Baath ganhou mais abertura após apoiar o governo em uma nova tentativa de golpe por parte dos nasseristas em 1966. Bakr, à época secretário-geral do partido, confia a Saddam Hussein a organização do braço civil do partido e a tarefa de montar a polícia secreta interna do partido. Com o apoio de Bakr, Saddam começa se tornar uma força dentro do partido (MILLER & MYLROIE,1990,p.87-88). Com maior liberdade, o Baath se aliou aos nacionalistas árabes que contavam com o apoio da Guarda Republicana, da qual os membros foram enganados com as promessas de altos cargos.

Assim, fizeram um novo golpe em 1968. Após o fracasso da tentativa anterior, o Baath procurou não cometer os mesmos erros. Os militares que dividiam o governo com o agora presidente Al-Bakr, foram retirados de seus cargos. Saddam Hussein participou em vários desses expurgos aos adversários do partido, como mostra esta passagem do livro *Saddam Hussein e a crise do Golfo*:

Treze dias após o golpe, em 30 de julho, o Baath arranhou para Daud uma viagem ao exterior. Bakr convidou Nayf para almoçar no palácio presidencial. Após o almoço, Bakr convidou-o para tomar chá em outra sala. O presidente então desculpou-se e deixou Nayf sozinho na sala. Bakr jamais voltou. Ao invés, Saddam e um companheiro armada entraram, Saddam puxou sua pistola e começou a provocar Nayf, chamando-o de ‘filho da puta’ e outras obscenidades. Então, ele bateu com a pistola no rosto do primeiro-ministro. Nayf, derrotado, implorou por sua vida. Saddam ridicularizou-o, levou-o ao aeroporto e o embarcou com destino ao Marrocos; os colaboradores civis de Nayf foram dispensados de suas funções. Assim terminaram os treze dias de Nayf no governo. O Baath estava de volta ao poder (MILLER & MYLROIE, 1990, p.89).

No princípio, Saddam Hussein preferiu o anonimato, temendo retaliações ao partido. Sua participação na secretaria-geral do partido só foi revelada um ano depois. Formou sua própria base partidária dentro do Baath com a proteção de Al-Bakr. Tinha a intenção de ter o controle do partido e fazer com que o país fosse controlado pelo Baath (MILLER & MYLROIE, 1990, p.90). Para isso assumiu o comando do Jihaz Haneen, a ferramenta de intimidação do Partido Baath. Organizava espetáculos sanguinários com a intenção de intimidar os adversários, como na ocasião em que o partido organizou uma festa popular para enforcar dezessete pessoas acusadas de espionagem sionista, dentre eles treze judeus. A repressão se estendeu a membros do próprio partido que eram vistos como menos fiéis. Assim Saddam Hussein ia consolidando sua posição de poder, com um estado policial controlado por ele.

Saddam já era o homem forte do partido nos anos de 1970, se promovendo a general em 1976 e marechal de campo em 1979, já que não possuía formação militar

convencional (AZEVEDO BRITO,2016, p.75). Porém, era apenas o vice-presidente do país. Assume a presidência oficialmente no ano de 1979 com a renúncia de Al-Bakr alegando problemas de saúde, o que pode ter sido uma maneira de se proteger das ambições de seu primo (AZEVEDO BRITO,2016,p.79).

Saddam assume com ambições de tornar o Iraque o líder dos países árabes, de fazer de seu país uma potência regional. Esse projeto tem relação direta com a guerra contra o Irã e com o segundo conflito do golfo, o qual será objeto de análise deste artigo.

Nos anos de 1970, acontecem as crises do petróleo, fato que fez com que o preço desse produto aumentasse de maneira absurda. As receitas passaram a aumentar em todos os países do Golfo Pérsico. As transações internacionais dos países produtores saltou de 6,6 bilhões de dólares para 67,8 bilhões de dólares, ganharam 442 bilhões de dólares em seu comércio internacional, enquanto países não-exportadores perderam 233 bilhões de dólares (ATTUCH, 2003, p.11). Nas palavras de Leonardo Attuch, “no Iraque, o rendimento médio anual saltou de 371 dólares para 1226 dólares entre 1970 e 1975, segundo dados do Fundo” (ATTUCH, 2003, p.12).

Tirando proveito desse crescimento vertiginoso, o Iraque começou a colocar em prática o seu projeto de liderança no mundo árabe. Começou a investir na importação de bens de consumo, aumentou-se em doze vezes as verbas governamentais para a indústria, os fundos para transporte aumentaram em onze vezes, para habitação, nove (MILLER & MYLROIE, 1990, p.100). Bagdá foi modernizada, com a criação de novas avenidas e bairros foram modernizados, a energia elétrica passou a ser distribuída por todo o país, houve um grande avanço no sistema educacional e o atendimento médico gratuito beneficiou a população (AZEVEDO BRITO, 2016, p.78). Criou-se o Dia do Conhecimento, um programa para erradicar o analfabetismo, programa que rendeu a Saddam um prêmio concedido pela Unesco, o Kropeska.

Como Hussein tinha a ambição de tornar o Iraque a maior força da região, os investimentos no âmbito militar também eram altíssimos. Gastos com materiais para produzir armamentos químicos, biológicos e nucleares eram recorrentes. O Iraque, nos anos 1980, possuía complexos de pesquisa extremamente avançados, como o Osirak, que foi destruído em um bombardeio feito pela força Aérea de Israel.

Segundo Anthony H. Cordesman, o Iraque importou 42,8 bilhões de dólares em armas entre 1982 e 1985, nesta época já em guerra com o Irã (MILLER & MYLROIE, 1990, p.148).

Diversos mísseis foram construídos no Iraque, alguns com capacidade de serem lançados à 900 quilômetros de distância, como Al-Abbas. O país possuía instalações tão avançadas que um engenheiro inglês chamado Christopher Crowley disse à BBC que a instalação de Saad 16 era “absolutamente brilhante...jamais vi na Europa algo que se comparasse àquele centro de pesquisa ou que tivesse equipamentos da mesma qualidade” (MILLER & MYLROIE, 1990, p.151).

3. Guerra Irã-Iraque

A Guerra Irã-Iraque foi umas das mais longas do século XX e acabou por deixar um número enorme de vítimas e dificuldades econômicas para ambos os países. O conflito tem suas origens em disputas fronteiriças entre os dois países, questões religiosas e mesmo um ódio mortal entre os dois líderes, Saddam Hussein e o aiatolá Khomeini.

Iraque e Irã, desde o século IV A.C., disputavam o controle do canal Shat al-Arab, no caso do Iraque, um de seus únicos caminhos de acesso ao mar (AZEVEDO DE BRITO, 2016, p. 81). Ainda antes de a revolução iraniana de 1979 acontecer, no regime do xá Reza Pahlavi, houve uma querela entre os dois países. O xá gostaria de mudar a forma de demarcação das fronteiras nas margens do Shat al-Arab, fazendo com que a fronteira fosse delimitada a partir do talvegue, e não mais em sua margem do canal. Para isso, ordenou que um comboio de embarcações passasse pelo canal escoltado por navios de guerra, sem solicitar ao Iraque, que imediatamente posicionou tropas na fronteira. O Irã fez o mesmo, e o conflito só não ocorreu já naquela época por uma intervenção das Nações Unidas. No ano de 1975, os governos assinaram um acordo, delimitando a nova fronteira (AZEVEDO BRITO, 2016, p. 81 e p.76).

Outro motivo que levou os dois países à guerra, talvez o principal, foi o medo de Saddam Hussein, e de outros governantes árabes, de que a Revolução Iraniana influenciasse a sua numerosa população xiita. A Revolução fez com que o Irã se tornasse um estado baseado nas leis islâmicas, teocrático, contrariando o regime do Partido Baath, secular.

Antes mesmo de a guerra ser declarada de fato, os dois governos já apoiavam grupos separatistas no território do rival. O Iraque apoiava grupos separatistas curdos do norte do Irã e também árabes da região do Khuzistão, enquanto o governo revolucionário do Irã, exortava os xiitas iraquianos a derrubar seu governo e apoiar uma rebelião curda no norte (MILLER & MYLROIE, 1990, p. 101-102).

As hostilidades se intensificaram quando membros de um partido xiita, o al-Daawa tentaram assassinar o ministro Tarek Aziz, homem forte do governo de Saddam Hussein. Em represália, membros do partido al-Daawa foram executados e iniciou-se uma deportação em massa de xiitas do Iraque. O principal líder xiita do país, Mohammad Bagr al-Sadr, simpático a Khomeini, foi capturado juntamente de sua irmã, que foi estuprada e morta em sua presença. Al-Sadr também foi executado em seguida, com requintes de crueldade. Alguns funcionários do governo iraniano visitaram o Iraque afim de acalmar os ânimos, mas Saddam Hussein já havia optado pela guerra. Acreditava, e recebeu garantias de exilados do governo do xá que assim o seria, que venceria fácil uma guerra contra o Irã, que passava por um momento turbulento, inclusive com a desordem instaurada em suas forças armadas, com a repressão do governo revolucionário aos antigos oficiais do exército. (MILLER & MYLROIE, 1990, p. 103).

Assim, contando com uma vitória rápida, Saddam Hussein rasga, em transmissão pela televisão, o acordo de 1975 que havia assinado com o Irã sobre as novas fronteiras e, contando com uma rápida vitória, ataca o vizinho. Seu plano inicial era tomar quatro cidades: Khorramshahr, Abadan, Ahvaz e Dezful (AZEVEDO BRITO, 2016, p.86).

Contrariando as expectativas de Saddam, as tropas iranianas, mesmo mal organizadas, contaram com a ajuda da população e apenas Khorramshahr foi tomada pelas tropas iraquianas, o que obrigou o Iraque a trocar de tática, começando a agir em terra. Enquanto o Iraque precisava penetrar muitas centenas de quilômetros no território do Irã para atingir os principais alvos, o Irã precisava avançar poucas centenas de quilômetros para atingir seus alvos. “A geografia é nossa inimiga”, disse certa vez Saddam Hussein (MILLER & MYLROIE, 1990, p.105).

O Iraque começava a sentir as dificuldades de exportar seu petróleo. A impossibilidade de navegar no Shat al-Arab, não permitia que os navios chegassem ao porto de Basra.

Além disso, tinham que enfrentar a superioridade da marinha iraniana. Com isso, o Iraque teria que exportar todo seu petróleo por oleodutos, um que atravessava a Turquia e outro que atravessava a Síria. No decorrer da guerra precisou construir mais dois, atravessando a Turquia e a Arábia Saudita. A situação piorou quando Hafez Al-Assad, presidente da Síria e rival de Saddam, proibiu o Iraque de utilizar os oleodutos que passavam pelo território sírio (MILLER & MYLROIE, 1990, p.104-107).

O Irã, no outono de 1981, começou uma ofensiva que expulsou os iraquianos de seu território. Uma massa de voluntários, tomados por um fervor religioso foi para o campo de batalha, acreditando que o paraíso era o prêmio por seu martírio. Entraram no território iraquiano e conseguiram tomar um importante entroncamento rodoviário, a principal rodovia da região sul. Depois, em um feito ainda mais surpreendente, avançaram mais 48 quilômetros e fizeram quinze mil prisioneiros. Já no ano seguinte, o Irã conseguiu a sua maior vitória na guerra. Recapturaram a cidade de Khorramshahr e prenderam mais 22 mil iraquianos (MILLER & MYLROIE, 1990, p.108).

Com a derrota, Saddam, surpreendentemente declarou um cessar-fogo unilateral e ordenou que suas tropas se retirassem dos territórios iranianos que ainda estavam sob seu controle. Propôs que Iraque e Irã se juntassem contra Israel, que dias antes havia invadido o Líbano. Khomeini não aceitou a trégua e o Irã fez outra ofensiva, desta vez não conseguindo furar o front iraquiano, ardorosamente defendido por seus soldados.

Conforme o tempo passava e a guerra ia se prolongando, o clima no Iraque passou a ser de desesperança. Os recursos do país passaram a ser, cada vez mais, destinados aos esforços de guerra. O número de mortos começou a aumentar. Passou-se a deportar muitos xiitas iraquianos e o ódio contra Saddam passou a aumentar entre a população. Houveram até tentativas de assassiná-lo. (MILLER & MYLROIE, 1990, p. 110-111).

A situação do Iraque começava a se deteriorar. O governo chegou ao extremo de estreitar laços com os Estados Unidos e até com Israel, buscando algum tipo de colaboração para vencer o Irã. (MILLER & MYLROIE, 1990, p.112).

A guerra se arrastou até o ano de 1988, quando finalmente os países aceitaram um cessar-fogo proposto pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas.

A Resolução 598 propunha o fim das hostilidades e o retorno às fronteiras reconhecidas internacionalmente. (AZEVEDO DE BRITO, 2016, p.95).

A guerra trouxe um saldo inútil para ambos os países. Muitos mortos, soldados que voltavam da guerra não encontravam emprego, e no caso do Iraque, uma enorme dívida com os países que o apoiaram na guerra, fator que tem ligação com a invasão iraquiana ao Kuwait dois anos depois.

4. Guerra do Golfo e sanções

No dia 2 de agosto de 1990, o Iraque invadiu o Kuwait. Os motivos para que a invasão ao Kuwait ocorresse tem raízes históricas e também se devem a situação financeira e social do Iraque após a longa guerra contra o Irã.

As disputas fronteiriças com o Kuwait não eram recentes. Quando ambos os países eram parte do Império Otomano, o território onde hoje é o Kuwait fazia parte do distrito administrativo de Basra, porém, o governo dos Sabah mantinha uma certa autonomia em relação ao governo turco. Quando houve uma tentativa do governador otomano de Bagdá de aumentar o domínio sob a região, o xeque Mubarak Al- Sabah pediu a ajuda dos ingleses. Já nas vésperas da Primeira Guerra Mundial, a Inglaterra reconheceu o Kuwait como estado independente. (MILLER & MYLROIE, 1990, p.179-181).

Após a guerra, as fronteiras entre Iraque, Arábia Saudita e Kuwait foram definidas em negociações presididas por sir Percy Cox, o alto-comissário inglês em Bagdá. As demarcações deixaram apenas 40 quilômetros de litoral para o Iraque, enquanto o seu pequeno vizinho possuía 190 quilômetros de litoral, o que explica a cobiça iraquiana por este território.

Outras tentativas de anexar o Kuwait já haviam sido feitas anteriormente, em outros governos. Quando o Iraque ainda era uma monarquia, o rei Ghazi fez uma transmissão em uma rádio de Bagdá defendendo a anexação do Kuwait ao Iraque e fazendo acusações contra Sabah, que segundo ele, era um monarca ultrapassado e sustentado no poder pelos ingleses. A fala do monarca iraquiano gerou reações da população kuwaitiana que exigiu menos poderes para o emir. Outra tentativa aconteceu

no governo do general Qasim. O governante iraquiano, em uma entrevista, reivindicou o emirado como parte do Iraque (MILLER & MYLROIE, 1990, p.182-183).

Outro fator, além dos fatores históricos, que levou o Iraque a invadir o Kuwait, foi a falta de dinheiro. A guerra contra o Irã deixou o país com uma dívida enorme. O país gastou 35 bilhões de dólares de sua reserva externa e ainda contraiu um empréstimo de 15 bilhões de libras de outros países árabes. Ao final da guerra, o Iraque devia 35 bilhões de dólares ao Ocidente, 11 bilhões à Rússia e 40 bilhões a Kuwait e Arábia Saudita. Para piorar a situação, o preço do petróleo sofreu uma baixa, o que fez com que a arrecadação do Iraque com exportações caísse pela metade (ATTUCH, 2003, p.64). Saddam afirmava ainda que o Kuwait estaria produzindo petróleo acima das cotas afim de prejudicar o Iraque (ATTUCH, 2003, p. 84).

Devido aos motivos citados acima, o Iraque invade o Kuwait em 1990 com uma grande força militar de cerca de 100 mil soldados. Em quatro dias tomaram o país e Saddam Hussein declarou o Kuwait como a nona província iraquiana. Essa invasão representava riscos para os Estados Unidos, uma vez que o Iraque passaria a controlar grandes quantidades de petróleo, indo contra os interesses da Arábia Saudita, o principal aliado dos Estados Unidos no Golfo. Assim, os Estados Unidos logo tomaram medidas para convencer Saddam a deixar a sua empreitada. A maioria dos países árabes condenou a invasão, com exceção do Iêmen, a Jordânia e a OLP (Organização para a Libertação da Palestina), e apoiariam uma intervenção militar liderada pelos Estados Unidos (AZEVEDO BRITO, 2016, p.106). O Conselho de Segurança impôs a Resolução 660 ao Iraque, que ordenava que o país deixasse o território do Kuwait, voltando às fronteiras anteriores à invasão. O Iraque não cumpriu a recomendação das Nações Unidas, portanto, o Conselho de Segurança, lhes impôs a Resolução 661, que impôs sanções econômicas ao país, impedindo o Iraque de fazer transações comerciais. Mesmo assim, a guerra continuou, assim o Conselho de Segurança aprovou Resolução 678 que dava o aval para uma coalizão usar todos “todos os meios necessários”, caso o Iraque não deixasse o território do Kuwait. Assim, uma coalizão liderada pelos Estados Unidos, da qual mais 39 países faziam parte, entrou na guerra para empurrar os iraquianos de volta às suas fronteiras. As forças da coalizão eram imensamente superiores e em menos de dois meses expulsaram as tropas do Iraque, que perderam cerca de 150 mil homens.

5. Efeitos do embargo econômico imposto com a Resolução 661: crise humanitária

As sanções impostas ao Iraque causaram um terrível caos humanitário no país. Um relatório feito pelo diplomata brasileiro Celso Amorim para o Conselho de Segurança no ano de 1999³, mostrou a grave situação do país nos anos pós-Guerra do Golfo. Segundo consta no painel, o Iraque teve redução de 85% na produção de petróleo, a base de sua economia. Essa redução levou a uma diminuição de dois terços do PIB, (AMORIM, 1999 *Apud* The Economist country profile 1998-99), devastando também outras áreas da economia iraquiana. O PIB per capita começou a cair. De 3.416 dólares em 1984, passou a 1.500 em 1991 e em 1998, caiu para 1.036 dólares. Outras fontes estimam uma queda a níveis menores de 450 dólares (AMORIM, 1999 *Apud* Financial Times, 11 de setembro, 1995).

A mortalidade materna subiu de 50/100.000 partos em 1989, para 117/100.000 em 1997. A mortalidade entre crianças menores de cinco anos e a mortalidade infantil também tiveram grande alta, segundo o painel feito por Amorim. Entre crianças menores de cinco anos, a mortalidade aumentou de 30,2/1000 em 1989 para 97,2/1000 em 1997 e a mortalidade infantil cresceu de 64/1000 em 1990 para 129/1000 em 1995. O número de bebês nascidos com baixa massa (abaixo de 2,5 kg), passou de 4% dos nascimentos em 1990 para ¼ dos nascimentos em 1997. O painel diz que organizações como a Cruz Vermelha e o Crescente Vermelho, estimavam, na época, que 70% das mulheres iraquianas sofriam de anemia (AMORIM, 1999).

Problemas com a alimentação da população também foram registrados. A quantidade de quilocalorias per/capita ingeridas por dia, decaiu de 3.120 para 1.093 kg/cal por dia, no período entre 1994-95. A má nutrição passou a ser comum entre as crianças. Em 1991, 12% das crianças abaixo de cinco anos estavam mal nutridas, esse número quase dobrou até o ano de 1996, quando 23% das crianças nessa faixa etária estava mal nutrida. Pesquisas feitas com 15.000 crianças abaixo de 5 anos mostraram

³ Disponível em: <http://www.casi.org.uk/info/undocs/s1999-356.pdf>

que quase a totalidade de crianças continham alguma alteração nos seus dados nutricionais (AMORIM, 1999 *Apud* Nutritional Status Survey of Infants in Iraq, UNICEF November 7 1998).

A partir do ano de 1991, os hospitais do Iraque ficaram sem reparos, fazendo com que o sistema de saúde se tornasse precário e ineficiente, devido à falta de água e energia, transporte, e colapso no sistema de telecomunicações (AMORIM, 1999). A população simplesmente deixou de ir aos hospitais devido à falta de remédios. Dados fornecidos pelo governo do Iraque e também pela UNICEF, estimam que cerca de meio milhão de crianças vieram a óbito devido às precárias condições de vida no país. Um número assustador, mesmo com a dificuldade de obter dados totalmente precisos sobre o país (GARFIELD, 2000, p.35). Doenças, antes controladas, como malária e doenças transmitidas devido à má qualidade da água, voltaram a infectar iraquianos em 1993, causando epidemias (AMORIM, 1999).

O sistema educacional também foi gravemente atingido pela guerra e pelas sanções. Iraquianos de todos os níveis educacionais deixaram de frequentar escolas devido à falta de professores qualificados, falta de estrutura, bem como um isolamento intelectual do país. Nos anos 90, devido às péssimas condições econômicas do país, famílias mais pobres não mandavam seus filhos à escola, outras deixavam a escola precocemente devido à falta de material didático e a professores desmotivados. Isso refletiu no aumento de crianças pedindo nas ruas. O número de alunos repetindo de ano teve aumento com a piora no sistema educacional, no biênio 1990/91, a taxa de repetência era de 16,2%, já no biênio 1991/92 o número subiu para 19%, isso na educação primária (SYTUATION ANALYSES OF EDUCATION IN IRAQ, UNESCO, 2003).

A crise no sistema educacional também teve seus impactos no ensino superior e no ensino técnico. No ensino técnico houve um declínio de 55,6% no número de matrículas, de 147.942 alunos matriculados em 1989/90, o número de estudantes no ensino técnico caiu para 65.750 nos anos 2000/01. Além disso, o número de escolas técnicas para atender a população também caiu entre 1990 e 2000, passando de 289 no começo da década, para 236 no final, coincidindo com a queda no número de matrículas. No ensino superior, universidades sofriam com a falta de computadores, muitas vezes comprados com fundos próprios, e frequentemente chegando com peças quebradas ou faltando.

As bibliotecas ficaram estagnadas nos níveis pré-1990. A cooperação internacional com outras universidades era quase nula. Em 1999, apenas duas das universidades iraquianas possuíam parcerias com universidades ocidentais, enquanto outras duas com universidades do mundo árabe (Jordânia, Sudão e Iêmen). Notava-se ainda, falhas na infraestrutura das universidades, muitas delas sofriam com constantes quedas de energia, por exemplo (SYTUATION ANALYSES OF EDUCATION IN IRAQ, UNESCO, 2003).

A deterioração do sistema elétrico do país foi outro fator que teve impacto nas condições de vida dos iraquianos. Em 1999, o Iraque possuía uma capacidade de geração de 7.500 MW, porém más condições de manutenção fizeram com que o país gerasse apenas 3.500 MW. Apesar disso, a demanda por energia excedia a capacidade em até 1000 MW, causando, de julho de 1998 até o ano seguinte, quedas de energia de até 6 horas por dia. A falta de energia afetou o suprimento de água e o sistema de saúde (AMORIM, 1999). Além de escassa, a energia gerada no Iraque possuía má qualidade, devido a pesadas flutuações e baixa frequência. Segundo observadores, o suprimento de energia era instável e inseguro, elevando a probabilidade de interrupções forçadas, danificando aparelhos domésticos. A falta de materiais para a distribuição de energia, fez com que mais de 50.000 casas ficassem sem acesso à energia durante anos (WILLIANS, 1999⁴). Depois de um longo período vivendo sob a ameaça de duas guerras e com as dificuldades enfrentadas após as sanções, a população iraquiana começou a desenvolver, cada vez mais, casos de doenças psicológicas. Notou-se, com isso, o aumento da delinquência juvenil, ansiedade em relação ao futuro, falta de motivação, aumento do isolacionismo de alguns cidadãos (evitando contato com o mundo exterior), o desenvolvimento de uma economia paralela repleta de criminalidade, empobrecimento cultural e científico, ruptura de famílias (AMORIM, 1999). Entre os anos de 1990/98, o número de pacientes com desordens mentais cresceu 157% em comparação com o período entre 1970/75, no ano de 1998, 507.206 pacientes apresentaram problemas psicológicos. A admissão de pacientes com doenças mentais nos hospitais subiu de 6.736 em 1990 para 15.996 em 1998, com um aumento de 137%. Um número cada vez maior de pessoas

⁴ Disponível em: <http://www.casi.org.uk/info/undocs/spec-top.html#2>

começou a deixar o emprego por causa de desordens mentais, assim como um número muito grande de estudantes começou a deixar os estudos pelo mesmo motivo. Houve um grande aumento no número de pessoas buscando tratamentos tradicionais, acreditando estarem sob efeito de bruxaria ou possuídos por Jinnee (espírito capaz de possuir pessoas e assumir a forma humana, no qual os muçulmanos acreditam). Passaram a ser comuns distúrbios comportamentais antes mais raros, como furtos, hostilidade, acessos de mau humor, assassinato, vandalismo. Distúrbios emocionais como ansiedade, depressão, fobias, baixa autoestima, distúrbios do sono e hipocondria passaram a ser notados com muito mais frequência. Também houve aumento nos casos de doenças psicossomáticas, doenças relacionadas ao estresse pós-traumático e ainda um alto número de casos de psicoses. O quadro clínico de alguns pacientes crônicos começou a piorar pela falta de medicamentos e as condições desastrosas de hospitais psiquiátricos, devido às sanções (WILLIANS, 1999)⁵.

Com relação a extrema pobreza, além dos dados relacionados à educação, saúde e nutrição infantil citados anteriormente, outras áreas da economia e do cotidiano foram severamente atingidas. Os indicadores socioeconômicos caíram dramaticamente. Estima-se, que se o conflito no golfo e as sanções não tivessem ocorrido, o Iraque possuiria um PIB per capita de 3.307 dólares em 1996, todavia, em 1995, era de apenas 705 dólares, o que equiparava o Iraque aos países mais pobres, como Madagascar e Ruanda, por exemplo (WILLIANS, 1999). Com a desvalorização do dinar, que em 1999 valia apenas \$0,0005, os salários médios ficavam entre 3 e 5 dólares por mês. Estimativas da ESCWA⁶ mostram que 81% da população do Iraque vivia abaixo da linha da pobreza em 1993 (WILLIANS 1999). A taxa de desemprego, que antes da guerra era de 4%, passou a ficar próxima dos 50%. As taxas de inflação alcançaram 250% ao ano entre 1994 e 1997 (WILLIANS, 1999 *Apud* The Economist, 1999).

No âmbito da alimentação, a população iraquiana praticamente não tinha mais acesso à carne de boi e de frango devido aos altos preços. A produção de frutas e legumes, componentes indispensáveis em uma dieta balanceada, foi prejudicada pela

⁵Disponível em: <http://www.casi.org.uk/info/undocs/spec-top.html#2>

⁶(UN Economic and Social Commission for Western Asia)

falta de sementes de qualidade, pesticidas e fertilizantes, atendendo apenas 10% da demanda em 1999 (WILLIANS, 1999).

Outras áreas prejudicadas após as sanções, foram as áreas da saúde e a sanitária. Antes do conflito, o sistema de saúde iraquiano alcançava 78% da população da área rural e 97% da população urbana. Já no final dos anos 1990, os hospitais sofriam com a falta de medicamentos, serviços ineficientes, dentre outras dificuldades (WILLIANS, 1999 *Apud* IRAQ NHD REPORT, 1995). Doenças antes controladas no país começaram a reaparecer, dentre elas cólera, malária e tuberculose (WILLIANS, 1999). O sistema de abastecimento de água também passou por sérios problemas. Em 1989, apenas 5% das amostras de água coletadas estavam infectadas, em 1997, as amostras contaminadas correspondiam a 35% (WILLIANS, 1999). A expectativa de vida no país era de 62,5 anos em 1987, decaiu para 60,3 em 1993 (WILLIANS, 1999 *Apud* IRAQ NHD REPORT, 1995) e em 1995, era de 59 anos (WILLIANS, 1999 *Apud* HUMAN DEVELOPMENT REPORT, 1998).

Além dos baixos salários que os iraquianos recebiam, as condições de trabalho se tornaram insalubres no decorrer dos anos 1990. O *Special Topics On Social Conditions in Iraq*, cita o exemplo dos trabalhadores do setor de eletricidade. Neste setor, vários acidentes foram causados devido às más condições de trabalho e lesões graves e até mortes eram registradas com certa frequência. Os acidentes aconteciam pela falta de equipamentos de segurança, como luvas de isolamento, capacetes, roupas de segurança dentre outros equipamentos essenciais. A falta de equipamentos de comunicação, importantíssimos nesse setor, também foi a causa de muitos acidentes, assim como o mal treinamento de funcionários (WILLIANS, 1999).

6. A evasão de mão de obra qualificada

Com a falta de empregos, as más condições de trabalhos e os baixos salários, muitos iraquianos não conseguiam exercer suas profissões de formação. Ocorreu, nos anos 1990, uma grande desprofissionalização no país. A desprofissionalização se dava em várias formas, como no caso de jovens que não ingressavam na universidade ou deixavam os estudos pela metade para conseguir uma renda extra para suas famílias, trabalhadores que estavam sem condições de trabalhar em suas próprias áreas, como os trabalhadores do setor de eletricidade, citados no capítulo anterior, e trabalhadores

com diplomas de ensino superior que, ao invés de trabalharem em seus ofícios de origem, praticavam outros tipos de atividades não profissionais e trabalhos manuais. Era comum deparar-se com cidadãos iraquianos graduados trabalhando como taxistas, seguranças, escriturários, secretários, mensageiros e outra série de funções fora de seu campo de trabalho. Tomando como exemplo os trabalhadores iraquianos em ONGs ou na própria ONU, dos 1.157 empregados em 1999, apenas 432 estavam trabalhando em suas áreas de formação, os outros 725 estavam trabalhando em serviços gerais ou realizando tarefas manuais (WILLIANS, 1999).

Sem esperanças em uma melhor qualidade de vida no país de origem, a quantidade de iraquianos deixando o país cresceu significativamente. Os trabalhadores qualificados migravam em grandes quantidades. Estima-se que 2 milhões de pessoas deixaram o país na década de 1990 (GRIFFIN, 2000, p.67).

De acordo com o ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados), provinha do Iraque a maior população de refugiados no ano de 1998. Foram feitos, em 1997, por volta de 48.000 requerimentos de asilo por parte de cidadãos iraquianos. Essa cifra aumentou para 54.000 no ano seguinte. Somados a esses refugiados pós-Guerra do Golfo, estavam outros 3 milhões de iraquianos que deixaram o país antes do começo da guerra e das sanções, totalizando 5 milhões de iraquianos vivendo fora do país (GRIFFIN, 2000, p.67).

Historicamente, o Iraque já havia apresentado picos de migração devido a conflitos e até mesmo por outros motivos, como a busca por melhores cargos de trabalho. As migrações forçadas remontam ao ano de 1948, contemporaneamente à criação do estado de Israel e seus desdobramentos geopolíticos. As migrações pré-Guerra do Golfo são marcadas por acontecimentos políticos internos no Iraque. Com a tomada do poder pelo partido Baath em 1963, por exemplo, muitos intelectuais deixaram o país, sobretudo os intelectuais comunistas, já que o Baath rompeu com o partido comunista e passou a lhes perseguir. As migrações se intensificaram na segunda tomada do poder pelo partido Baath cinco anos depois. Curdos e assírios passaram a sofrer perseguição, e a falta de liberdade de expressão fez com que muitos deles saíssem do Iraque. As políticas nacionalistas do Baath resultaram

na expulsão de 200 a 300 xiitas em 1973. Os xiitas passaram a sofrer mais perseguição mais tarde devido às hostilidades com o Irã. Apesar da intensificação da emigração por motivos políticos nos anos de 1970, a grande maioria dos iraquianos que deixavam o país, deixavam voluntariamente. Estudantes saíam para estudar, a economia crescente possibilitava que iraquianos bancassem estudos fora do país, ou que fossem trabalhar em outros países do Golfo, porém, não eram migrações por motivos econômicos (GRIFFIN, 2000, p.68).

A má qualidade de vida após o embargo, deixou vários iraquianos sem alternativa. Como dito antes, muitos não conseguiam exercer suas profissões, os que conseguiam recebiam baixíssimos salários e não tinham equipamentos adequados para realizar seu trabalho. Com isso dá-se início às migrações por motivos econômicos.

Em reportagem da BBC⁷, a falta de perspectivas de uma família de classe média iraquiana é retratada. Em trechos da entrevista, o patriarca da família compara a sua realidade atual, com a que viveu em sua juventude: “Eu tinha tudo quando era jovem, a vida era fácil. Eu nunca pensei que o futuro dos meus filhos seria tão incerto⁸.” Na mesma reportagem, sua filha, de 24 anos, expressa um sentimento que muitos outros iraquianos jovens sentiam, de estar vivendo um pesadelo, sem perspectivas para o futuro:

Eu me sinto em um pesadelo, porque sou muito ambiciosa. Quero fazer muitas coisas. Quero progredir, quero viajar e ver o mundo, trabalhar em algo que eu ame. E o tempo todo eu diminuo minha ambição, é uma luta entre mim e minha ambição⁹

Ela afirma que vários de seus amigos estão depressivos, especialmente porque casar e formar uma família tornou-se extremamente caro.

A Europa Ocidental foi o principal destino dos iraquianos que deixaram o país na década de 1990. Dos refugiados iraquianos em busca de asilo no ano de 1997, ¾ fizeram

⁷Disponível em: http://news.bbc.co.uk/2/hi/middle_east/1949205.stm

⁸ I had everything when I was Young, life was easy. I never once thought my childre`s future would be so uncertain.”

⁹ I feel like I am in a nightmare because I am very ambitious. I want to do many things. I want to progress, I want to travel and see the world, to work in something I love. And every time I reduce my ambition, there is a struggle between myself and my ambition.

pedido para permanecer na Europa. Entre 1995 e 1997, o Iraque ocupava a terceira posição em números de requerentes de asilo na Europa. Holanda, Alemanha e Suécia foram os principais acolhedores de refugiados iraquianos desde a década de 1980. Entre 1995 e 1997, refugiados iraquianos tiveram a maior taxa de aprovação para permanecerem na Europa, cerca de 50% dos requerentes (GRIFFIN, 2000, p.69).

A falta de esperança em melhores condições de vida fez com que muitas famílias iraquianas, que tradicionalmente são extremamente protetores em relação às suas filhas, as mandassem para fora do país arranjando casamentos com homens que muitas vezes haviam encontrado apenas uma vez. Uma pesquisa citada por Harriot Griffin em seu discurso, aponta que esse tipo de migração chegou a corresponder a 15% das migrações pós-1990 (GRIFFIN, 2000, p.71).

Apesar do aumento no número de pessoas deixando o Iraque, poucos habitantes tinham condições de deixar o país. O Iraque começou a sofrer com uma grande perda de trabalhadores qualificados quando as fronteiras jordanianas foram abertas no ano 1991. Para evitar esse fluxo de mão-de-obra saindo do país, o governo iraquiano impôs altas taxas para liberar a saída de pessoas. Essas taxas giravam em torno de 400.000 dinares, cerca de 500 dólares à época. Uma quantia exorbitante para os padrões de vida que os iraquianos possuíam devido às sanções, o salário mínimo variava entre 2 e 5 dólares apenas (GRIFFIN, 2000, p. 71).

Restrições foram colocadas a grupos específicos de profissionais. Acadêmicos, engenheiros, médicos, dentistas, dentre outros, precisavam depositar uma quantia de um milhão de dinares como garantia de que retornariam (GRIFFIN, 2000, p.71).

Barreiras externas também dificultavam a saída dos iraquianos. Muitas embaixadas dificultavam a concessão de vistos para cidadãos iraquianos. Isso causou o crescimento de um grande mercado de vendas de passaportes falsos, que chegavam a custar entre 2 e 10 mil dólares. Houve também o aumento do tráfico ilegal de pessoas (GRIFFIN, 2000, p.71).

Além da perda de pessoas qualificadas que com toda a certeza contribuiriam na reconstrução do país, outra consequência desse aumento no êxodo de iraquianos foi a

fragmentação de estruturas familiares tradicionais e mudanças de atitudes e valores de uma sociedade tradicionalmente orientada (GRIFFIN, 2000, p.72).

Em reportagem do portal Newsweek¹⁰, profissionais iraquianos falam da insegurança que enfrenta quem permanece no Iraque. Os profissionais qualificados tornaram-se alvo de criminosos. São vítimas de roubos, sequestros e extorsões, o que os instiga ainda mais a deixar o país. Nos anos 1990, cerca de 30.000 médicos estavam registrados no principal sindicato da área no Iraque, no ano de 2007, já com os desdobramentos da guerra de 2003, esse número caiu para 8.000. Falando ao Newsweek, Abdul-Hadi, um radiologista que se refugiou em Amã, diz que “os médicos são o principal alvo”¹¹. “Tudo o que restou em Bagdá são bandidos e tolos. Levará uma geração para restaurar o que foi perdido”¹², diz à mesma reportagem Hind Al Aazamy, uma iraquiana sunita, também radicada em Amã. Essa reportagem, de 2007, mostra como o fluxo de refugiados não cessou entre os anos de 1990 e o começo dos anos 2000, impulsionado pela guerra de 2003. Abdul-Hadi diz ainda que “levarão 10 anos para reconstruir o setor de saúde iraquiano”¹³.

No biênio de 2005/06, o Iraque foi o quarto país do Oriente Médio em número de migrantes acima de 15 anos de idade deixando o país para países da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), grande parte deles de iraquianos com alto nível de educação. Foram cerca de 500.000 migrantes. Cerca de 18% dos médicos iraquianos atuavam fora do país no ano de 2000. No mesmo ano, cerca de 400.000 iraquianos, homens e mulheres deixaram o país, com um número maior de homens. A situação, que já não era favorável devido ao embargo, piorou após a invasão feita pelos Estados Unidos em 2003. Em 2005/06, foram cerca de 526,1 mil migrantes, a maior parte para Estados Unidos e Europa, com destaque também para Canadá e Austrália (OCDE, 2012, p. 270).

O embargo econômico nos anos 1990, seguido pela guerra de 2003 e a ascensão de grupos terroristas recentemente, fizeram com que a evasão de cérebros no Iraque fosse

¹⁰ Disponível em: <http://www.newsweek.com/quiet-exodus-iraq-97353>

¹¹ Disponível em: <http://www.newsweek.com/quiet-exodus-iraq-97353>

¹² Tradução própria: “All that’s left in Baghdad are bandits and fools. It will take a generation to restore what’s gone.”

¹³ Tradução própria: “It will take 10 years to rebuild the iraqi health sector”

contínua, impossibilitando a reconstrução do país, devastado por anos de guerra e sanções econômicas. Segundo reportagem do Al-Monitor¹⁴, a perda de trabalhadores qualificados continua a ocorrer no país. De acordo com Qassim Mohammad, um pesquisador social, as sucessivas guerras, fizeram com que os jovens iraquianos passassem a acreditar que toda guerra no Iraque daria início a uma nova guerra, e que buscar um futuro melhor nos Estados Unidos ou na Europa seria a melhor opção. Uma pesquisa feita em 2013 pela Organização Internacional para Migração, mostrou que 99% dos jovens do sul do Iraque querem deixar o país, no norte a situação é mais amena, mas mesmo assim, 79% dos jovens querem deixar o Iraque (BASSEM, 2015).

A falta de profissionais logo começou a ter seus efeitos para a população. A falta de professores, fez com que professores desqualificados fossem contratados. Uma pesquisa conduzida pela UNICEF, no norte do Iraque, revelou que em 1998, 13% dos professores eram desqualificados nessa região. Além disso, o número de professores era muito menor, devido à má formação e às migrações. A proporção alunos/professor aumentou muito no país, sendo de 25 alunos para cada professor no ensino primário, 20 alunos para cada professor no secundário (WILLIANS, 1999).

Segundo relatório da Organização Mundial da Saúde a proporção de médicos por habitantes era inadequada. Segundo levantamento feito no ano de 2003, o Iraque contava com a proporção de 6,3 médicos para cada 10.000 habitantes. Em algumas regiões a taxa era ainda menor, como a de Nasiriyah, que contava com apenas 3,1 médicos para cada 10.000 habitantes. Havia apenas 3.000 dentistas. A proporção de enfermeiros era de 11 para cada 10.000 habitantes (ALWAN, 2004).

Com poucos recursos e sem perspectivas de melhorar sua condição, o povo iraquiano viveu décadas de escassez e sofrimento, a falta de profissionais, com toda a certeza, teve sérios impactos neste processo. Mesmo sem uma grande disponibilidade de dados sobre a saída de profissionais qualificados do país, tem-se uma boa noção dos efeitos que esse fenômeno teve na sociedade.

¹⁴ Disponível em: <http://www.al-monitor.com/pulse/originals/2015/04/iraq-youth-emigration-lack-security-west.html>

7. Conclusão

As sanções foram um duro golpe contra a população iraquiana e que geraram pouco efeito sobre o governo do Iraque, centrado na pessoa de Saddam Hussein, como justificavam os países que as defendiam. Como resultado uma crise humanitária atingiu a população como um todo. Sem condições de ter uma vida digna em seu próprio país, milhões de iraquianos buscaram melhores condições de vida no exterior, deixando uma ferida praticamente incurável no Iraque. A classe média do país praticamente se extinguiu. Perdeu-se a maior riqueza que uma nação pode possuir, os cidadãos com conhecimento. Seja para colocá-lo em prática na atividade econômica e social do país, seja para repassá-lo nas universidades e escolas. Pode-se imaginar as condições de vida em um país sem médicos suficientes, sem professores suficientes, enfim, sem condições de proporcionar direitos básicos aos seus cidadãos. Este, por sua vez, vítimas de um governo tirano e da política ambiciosa do Ocidente. Sofrendo com seguidas guerras e sem condições de formar profissionais suficientes para reconstruir o país, o Iraque foi se mantendo em uma situação precária, que perdura até os dias de hoje.

Bibliografia

ALWAN, Ala'din. **Health in iraq**: The Current Situation, Our Vision for the Future and Areas of Work. 2 ed. [S.L.]: Ministry of health, 2004.

AMORIM, Celso. **S/1999/356**. [S.L.]: ONU, 1999.

ATTUCH, Leonardo. **Saddam, o amigo do brasil**: A história secreta da Conexão Bagdá. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2003.

BBC.CO.UK. **Iraq's middle class wiped out**. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/middle_east/1949205.stm>. Acesso em: 20 nov. 2016.

BRITO, Bernardo De Azevedo. **Iraque: dos primórdios à procura de um destino**. 2 ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2016. 444 p.

CASI, . **Sanctions in iraq**: background, consequences, strategies. Cambridge: Campaign Against Sanctions in Iraq, 2000.

DENAUD, Patrick. **Iraque, a guerra permanente**: A posição do Regime Iraquiano. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2003. 256 p.

HOURANI, Albert Habibi. **Uma história dos povos árabes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MILLER, Judith & Mylroie, Laurie. **Saddam hussein e a crise do golfo**. 1 ed. São Paulo: Scritta, 1990.

OCDE, . **Connecting with migrants**: a global profile of diasporas. [S.L.]: OECD publishings, 2012.

UNESCO, . **Sytuation analyses of education in iraq**. Paris: UNESCO, 2003.

WWW.AL-MONITOR.COM. **Iraq's brain drain continues**. Disponível em: <[://www.al-monitor.com/pulse/originals/2015/04/iraq-youth-emigration-lack-security-west.html](http://www.al-monitor.com/pulse/originals/2015/04/iraq-youth-emigration-lack-security-west.html)>. Acesso em: 17 nov. 2016.

WWW.CASI.ORG.UK. **Special topics on social conditions in iraq an overview submitted by the un system to the security council panel on humanitarian issues**. Disponível em: <<http://www.casi.org.uk/info/undocs/spec-top.html#2>>. Acesso em: 19 nov. 2016.

WWW.NEWSWEEK.COM. **The quiet exodus from iraq**. Disponível em: <<http://www.newsweek.com/quiet-exodus-iraq-97353>>. Acesso em: 17 nov. 2016.

